

ARQUITECTURA EM TERRA – ICONOGRAFIA

Maria Fernandes

DGEMN/DREMC, Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Centro
Jardim da Manga, Apartado 6074, 3000-303 Coimbra, PORTUGAL, Tel. 351 239 854100
E-mail: mfernandes@dremc.dgemn.pt

Tema 2 – Conservação e Património

Palavras-chaves – Arquitectura, Imagem, representação

Resumo

A arquitectura de terra está presente em todos os continentes, desde a antiguidade aos nossos dias, numa diversidade tal que abrange desde a casa mais popular ao mais sofisticado palácio.

Para além dos vestígios dessas inúmeras construções que nos foram legados e das técnicas construtivas que chegaram até hoje, é porém desconhecido a forma como a arquitectura de terra era representada, tratada, vista e apresentada nesses contextos históricos.

Esta dificuldade é ainda mais clara, quando hoje por motivos vários, necessitamos de representar ou explicar de que forma eram esses edifícios construídos, que imagem tinham, como se organizavam os estaleiros de construção, como se produziam os materiais, enfim uma série de pressupostos que nem os filmes de Hollywood muitas vezes conseguiram expressar da maneira mais correcta ou próxima ao real de então. A investigação é ainda muito insipiente nesta matéria.

É objectivo desta comunicação apresentar de uma forma sucinta, um estudo relativo á iconografia sobre arquitectura de terra, desde a antiguidade até às mais recentes imagens publicitárias. A metodologia do estudo aborda de uma forma temática as diferentes representações das cidades, da arquitectura e da produção dos materiais, assim como das intenções dos seus autores nos mais diferentes contextos.

O estudo é uma síntese de um trabalho apresentado no âmbito dos seminários de doutoramento e mestrado em arquitectura território e memória, da Universidade de Coimbra em 2004.

1 – Terra, material dos Deuses

Ao longo dos tempos a terra, enquanto matéria-prima, tal como a pedra começou por ser um símbolo e uma dádiva dos Deuses. As primeiras representações que se conhecem da terra enquanto matéria prima, são ao mesmo tempo, a do seu transporte por escravos para estaleiros de construção e a de oferta às divindades por reis e importantes figuras do clero. No Egipto (1490-1469 AC), a terra era considerado um material dos Deuses pela directa relação com a natureza e porque o adobe era o material usado na construção dos templos, das mastabas funerárias e das pirâmides. Um relevo no túmulo da rainha Hatchépsout em Tebas, representa a própria rainha a moldar um adobe, enquanto numa escultura da Mesopotâmia (1990 AC), um escravo transporta a terra para o estaleiro e noutra o Rei oferece a mesma terra aos Deuses.

Num fragmento arqueológico, parcialmente restaurado e do período da civilização Suméria (4000 AC), o rei dá orientações a Nannar Nin-Gal, para construir a cidade de Ziggurat d'Ur, entregando ao construtor os respectivos instrumentos para esse efeito. Essa entrega é aqui representada como a autorização e a ordem de execução, todo um ritual, próprio das civilizações da antiguidade, onde as cidades marcavam a diferença.

Entre a cidade dos Deuses e a cidade dos homens, construída pelos escravos, a terra é representada como uma dádiva divina, transportada por escravos, oferecida por Reis e escolhida por eles para a construção de cidades.

2 – A manufactura dos materiais e a construção

Na antiguidade, o processo de transformar a terra em material de construção era, como se pode apreciar no relevo do túmulo de Rekhmire, trabalho de escravos.

A manufactura e mesmo a construção é detalhadamente descrita nesta pintura. Observe-se como a cor dos diferentes operários, foi propositadamente marcada para definir quem e como trabalhava nestas obras. Se complementarmos estas informações com as referências literárias, facilmente se retiram conclusões. O antigo testamento refere como os Judeus eram prisioneiros dos Egípcios e como trabalhavam na elevação das suas pirâmides.

A recente publicidade da Benetton (United Colours), na América Latina e as fotografias de Sebastião Salgado no Paquistão, mostram como ainda hoje, o trabalho de manufactura de adobes e construção em terra é ainda um trabalho que resvala a escravatura: o trabalho infantil e feminino.

Na civilização do Islão (570-1699), os edifícios religiosos revestem-se de simbolismo religioso. Uma mesquita em construção, segundo os ensinamentos de Maomé, deverá estar orientada à Norte em direcção a Jerusalém e a Sul em direcção a Meca onde se deverá situar o altar, *Mirahb*. O espaço, aberto deverá conter palmeiras para abrigar os seus crentes enquanto poderosos altos muros em taipa, circunscrevem esse espaço sagrado. Na miniatura Turca, do século XVI, todos esses elementos estão presentes observando-se ainda, a preparação da terra para a construção e os blocos de taipa minuciosamente marcados nas paredes.

A China, é porventura o país que maior património em terra conhece. Espelho das diferentes civilizações que utilizaram este material a China é também um caso onde os manuscritos antigos dão conhecimento da sua utilização. Num texto de *Chou King*, o príncipe *Lou*, informa os seus soldados para prepararem as pranchas (taipais) porque ao décimo primeiro dia da jornada, eles irão elevar muralhas em terra.(séc. XI AC).

Uma possível referência á construção da Muralha da China, quase totalmente elevada em taipa, mas também às inúmeras construções em terra existentes na China.

No código *Song*, uma pequena ilustração relata a forma como era preparado um estaleiro para a construção em terra. Vêm-se todos os processos, desde a extracção da terra, marcação d construção e compactação.

Antes dos textos de Vitruvius, as referências à construção em terra, são descritas ou desenhadas na forma de como se organizavam os estaleiros, quem construía e quais as diferentes fases e processos. Rara vez o processo de compactação dentro de taipais é desenhado ou referido, mas a preparação da terra, os muros no material e aspectos do uso da terra são vulgarmente representados.

3 – As cidades

Neste campo as representações são imensas e diversificadas. A descrição na literatura e a vista de uma cidade na iconografia, são na maioria das vezes ilusórias e pouco representativas do que realmente existia. Realidade e ficção misturavam-se, dependendo sempre do seu narrador e desenhador. As cidades eram representadas consoante o olhar e a forma como eram vistas ou como queriam que fossem vistas.

Das diferentes representações, as cenas de guerra são talvez aquelas em que as cidades ocupam especial destaque. Nos relevos da antiguidade, na civilização Assíria, os soldados e habitantes são os protagonistas enquanto as cidades e as suas enormes muralhas em terra, são de tal modo pequenas, que nem conseguem defender os seus habitantes. É absolutamente visível como as paredes, torres, portas, e paramentos em terra possivelmente rebocados são muito mais pequenos que os agressores e os habitantes. Nestes casos é notória a inferioridade da escala.

Outro exemplo, é a representação da *Mota* de Dinan e de Rennes, num tapete de 1066 em *Bayeux*. Estas fortificações em terra e com fosso, destinavam-se a defenderem em flancos avançados cidades muralhadas. Nas cenas de batalha e paz, a fortificação é

sempre remetida para segundo plano, em escala inferior e sem grande pormenor do seu sistema construtivo. Aqui os soldados são também mais pequenos, embora maiores que o fosso, enquanto os cavalos são os que realmente interessam ao desenhador.

No século XVI, o levantamento feito por Duarte Darmas é seguramente o melhor exemplo e o mais fiável da representação em planta e vista das cidades fortificadas de fronteira Portuguesas. Dado o contexto histórico, observa-se nalgumas das cidades representadas a Sul do Tejo, sobretudo em Mértola, e Juromenha, a marcação diferenciada pelo autor dos paramentos em taipa dos em alvenaria de pedra.

Após conquista os perímetros das cidades fortificadas foram reconstruídos e em boa verdade restaurados. Prática corrente era a construção de paramentos duplos em pedra remetendo a alvenaria em taipa militar para o interior da parede.

Nesta representação de cidades e ao contrário dos atrás descritos, as casas são detalhadamente marcadas e desenhadas á escala e os materiais marcados.

Razões que possivelmente se pretendiam com a necessidade reformular as defesas Portuguesas e a fiabilidade desse levantamento levaram o autor a desenhar os materiais.

Desde a iconografia histórica até aos desenhos de François Cointeraux e Hassan Fathy, cujo objectivo era projectar e descrever técnicas construtivas, muito se evoluiu na forma e na maneira de representar a arquitectura em terra.

Hoje tal como ontem, o desenho é utilizado para de certa maneira iludir a realidade.

Bibliografia

ARMAS, Duarte – *Livro das Fortalezas*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inapa, *fac-simile* do Ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo 1509. 1990.

BREWER, Douglas; TEETER, Emily – *Egypt and Egyptians*. Cambridge: Edição Press Syndicate of the University of Cambridge, 1999. ISBN 0-521-445183.

DOAT, Patrice [e al.] - *Construir con Tierra*. Bogotá: Edição Fondo Rotario Editorial, Enda America Latina, 1996. Vol. I.

FATHY, Hassan – *Construire avec le peuple*. Arles: Editions Actes du Sud/ Sindbad, 1996. ISBN 2-7427-0807-3.

FRANKFORT, Henri – *The Art and Architecture of the Ancient Orient*. London: Penguin Books, 1989. ISBN 0-14-056107-2.

GONZÁLEZ, José Avelino Gutiérrez – *Fortificaciones y Feudalismo en el origen y formación del reino Leones (siglos IX – XIII)*. Valladolid: Edição Universidad de Valladolid, Libreria General, 1995. ISBN 84-7762-462-3.

LAURIER, Philippe – *Les machines de construction de l'atiquité à nos jours*. Paris: Presses de l'école nationale des Ponts et chaussées, 1996. ISBN 2-85978-266-4.

STIERLIN, Henri – *L'architecture de L'Islam, au service de la foi et du pouvoir*. Paris: Gallimard, 2003. ISBN 2-07-042784-6

WOOLLEY, C. Leonard – *Les Sumériens*. Paris: Edition Payot, 1930.

Currículo

Arquitecta, Mestre em recuperação do património arquitectónico e paisagístico pela Universidade de Évora. Participou nos cursos ICCROM/ ARC 91; PAT 92 (ICCROM/CRATerre-EAG) e PAT 96 (idem/ GCI/ INCPPeru). Membro do ICOMOS/ CNP, Proterra e Centro da Terra.

ARQUITECTURA EM TERRA – ICONOGRAFIA

Figura 1 – Egito, Túmulo de Rekhmire em Tebas. A manufatura de adobes.

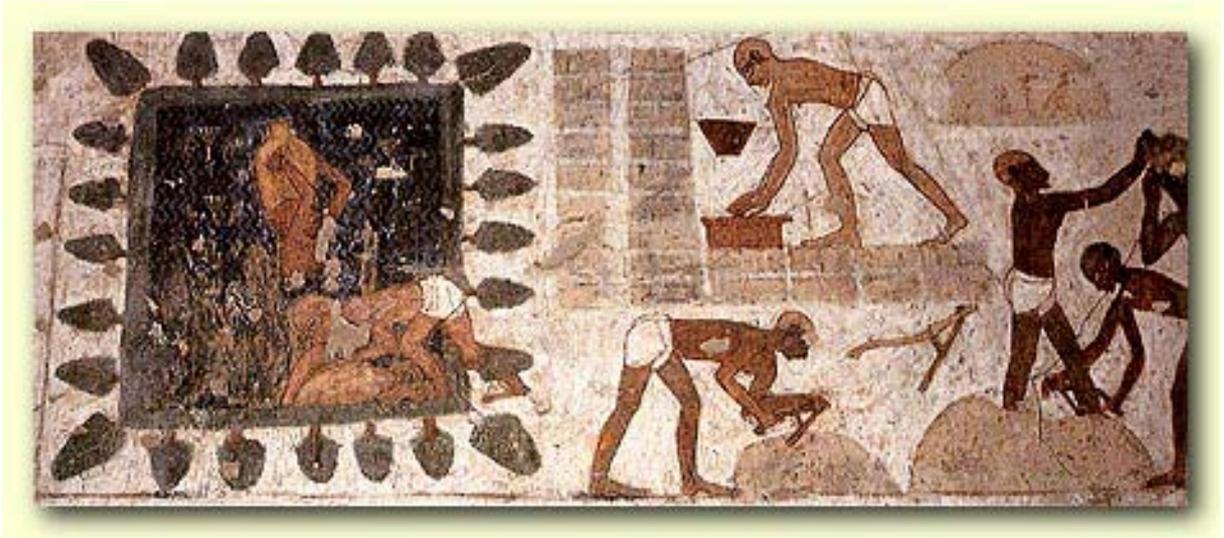


Figura 2 – Assíria, Mesopotâmia, a cidade fortificada de Nimrud. Fragmento de relevo do Museu Britânico.



Figura 3 – A construção da mesquita de Medina, miniatura Turca do séc. XVI.

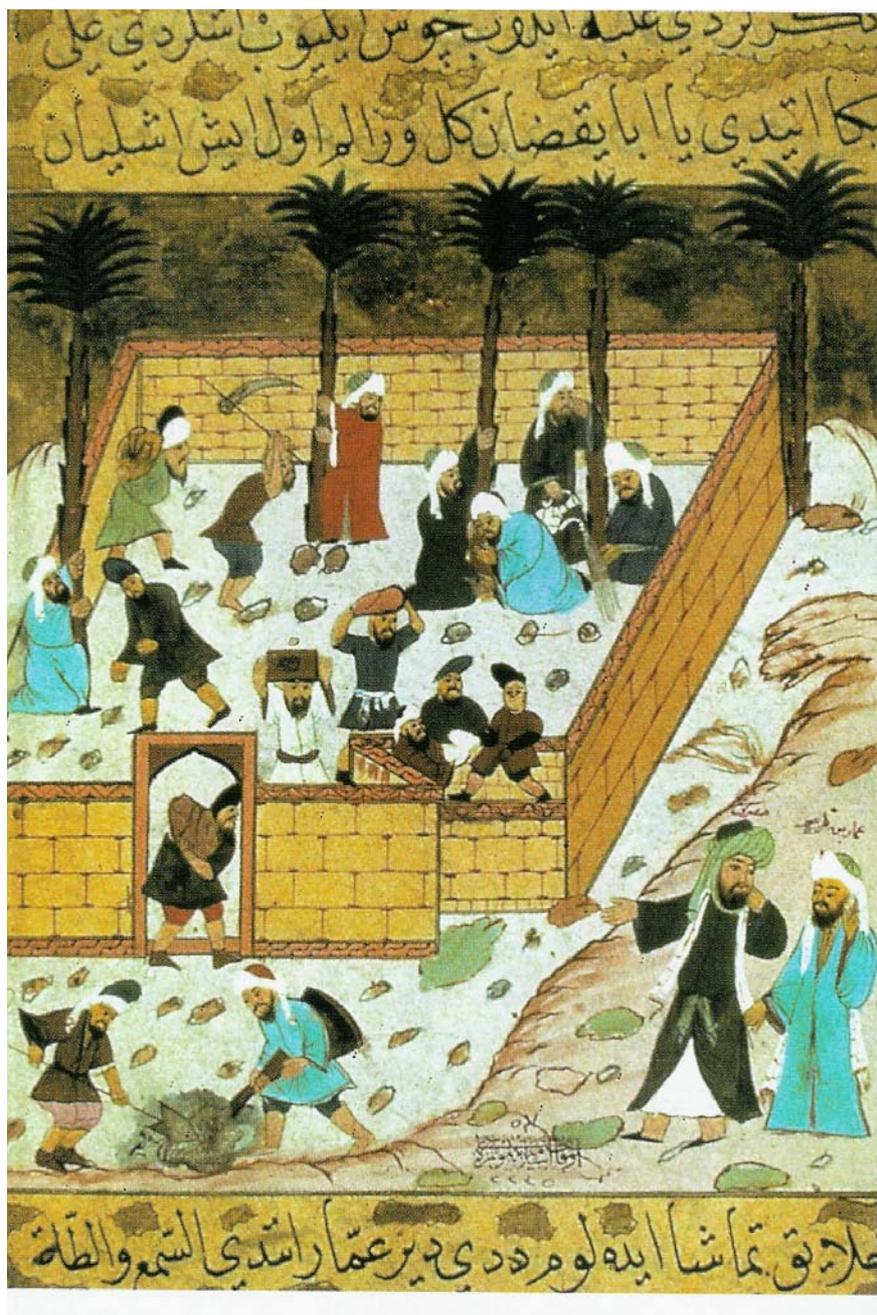


Figura 4 – A compactação e construção de uma casa em taipa. Estampa do Código Song, 1103.

